

rigor; porque de mim saíram os Espíritos — e eu creei as almas.” (1).

XX

Comunicação entre o mundo espiritual e o dos incarnados

A muitas pessoas, mais ou menos conhecedoras da doutrina espírita, temos ouvido dizer e repetir:

“É pena que o Espiritismo aceite a comunicação do mundo dos Espíritos com o dos incarnados! Sim, êste lado ridículo e fantástico seria mais cabível nas teorias religiosas; porque é a mais racional, a mais consoladora e a que melhor explica as relações do visível e corporal com o invisível e espiritual.”

Êsses tais pertencem ao número dos que se blasonam de despreocupados — e temem a classificação de crédulos ou supersticiosos, se transigirem com a idéia da comunicação dos Espíritos.

Outros — e estes são a generalidade dos católicos, admitem o fato da comunicação; porém, em vez de considerá-la ensino proveitoso, permitido por Deus, e dado por Espíritos de todas as categorias na escala do progresso, atribuem-na á intervenção maléfica do Espírito das trevas, partindo do suposto que, nem os bem-aventurados do céu, nem as almas dos que temporariamente sofrem no purgatório, nem os condenados á dôr sem termo, podem comunicar-se com os mortais. Dessa liberdade, dizem, sómente gozam os demônios, para fazerem aos homens suas tentações e arrastá-los ás fogueiras inferiores, isto é, á inquisição eterna.

(1) Isaías, LVII, segundo a Vulgata.

O dogma do inferno vem magistralmente tratado na comunicação n. 23, da segunda parte dêste livro. Recomendamos a leitura dessa comunicação.

Outros, finalmente, os materialistas, negam redondamente a comunicação espírita, como tudo o que aparece com caracter extra-natural e fóra do alcance dos sentidos e atribuem-na a causas puramente mecânicas, conquanto desconhecidas: á alucinação ou á feitiçaria.

A comunicação espiritual, sanção dos princípios que constituem o credo do Espiritismo, pois que, faltando ela, careceriam de autoridade e não se elevariam da esfera das hipóteses humanas aqueles princípios, é a continuação da revelação divina, sem cujo auxílio já-mais teria a humanidade alcançado a idéia de Deus e o conhecimento de seus deveres morais e do seu futuro destino.

Sendo necessária a revelação para o progresso das sociedades, ela devia vir, e tem vindo, do alto, em todos os tempos, na medida das necessidades humanas e do cultivo e aperfeiçoamento das almas.

A ciência e a lei moral vêm de Deus; e, portanto, a humanidade, sem a revelação, não teria dado um passo nas vias da ciência, nem produziria um código moral que merecesse dos homens um mediano respeito.

Ou é preciso ir com os materialistas á negação de Deus e da sobrevivência individual do Espírito — ou é preciso aceitar a possibilidade e a realidade da comunicação espiritual.

O mais lógico é aceitar a possibilidade; porque, se os Espíritos presos no grosseiro cárcere do corpo comunicam, apesar disso, seus pensamentos, com quanta maior facilidade poderão comunicá-los, rotos os laços que os prendiam e os tolhiam?

Aceitemos a realidade; porque, além de vir a comunicação com o testemunho dos homens, é, como o temos demonstrado, um fato necessário — e o que é necessário, infalivelmente sucede.

Não merece a honra de uma refutação a idéia de

atribuir ao diabo, exclusivamente ao diabo, as comunicações espirituais.

Dando de barato que o diabo fôsse uma entidade real, uma personalidade e não um mito alegórico, seria blasfêmia supôr que Deus consentisse numa influência maléfica sobre as criaturas e lhes recusasse a influência benéfica dos Espíritos de luz.

Não existindo entre o homem e os Espíritos outra comunicação que não seja a diabólica, de que servem as orações aos santos, tão recomendadas na igreja?

Era o diabo o Espírito que inspirava os profetas — que punha em movimento a pena de Isaías (1) — que enviou João a batizar em água (2), dizendo-lhe como reconheceria a Jesus?

É o Espírito maligno que Jesus promete (3) aos que em espírito pedirem ao Pai?

Foi demônio o Espírito que saudou a Maria, e o que falou pela boca de Estevão (4), e o que conversou com Pedro e com o centurião Cornélio (5), e o que inspirou a Agabo? (6).

Referindo-se Paulo, o Apóstolo dos gentios, ás comunicações do Espírito (7), em sua carta aos filipenses, aludiu porventura a comunicações infernais?

“Caríssimos, disse S. João, em sua primeira carta (8), não acrediteis em todo o Espírito, mas verificai se são de Deus”; formal confirmação da possibilidade e realidade da comunicação recíproca dos Espíritos, em seus diversos graus, com os homens.

(1) Isaías, VII, 1.

(2) S. João, I, 33.

(3) Lucas, XI, 13.

(4) Atos dos Ap., VI, 9 e 10.

(5) Atos, X, 19 e 22.

(6) Atos, XI, 28.

(7) Cap. II, 1.

(8) Cap. IV, 1.

A comunicação espírita foi e continúa a ser um fato constante, atestado pelas Escrituras e por milhares de homens de todos os tempos e de todos os países.

Como se verifica esta comunicação? Ignoramô-lo; esta ignorância, porém, não destrói o fato.

E ignoramô-lo, porque desconhecemos a natureza do corpo espiritual de que fala S. Paulo em sua primeira ignorância, porém, não destrói o fato.

Se a comunicação espírita fôsse, como crêm os materialistas, resultado de uma alucinação, que não se explica sendo tão geral, ainda assim veríamos nela a ação providencial da Divindade; pois que só pôde ser de origem divina uma alucinação que eleva as almas pelo cumprimento do dever.

XXI

Fé cega e fé raciocinada. Conformidade do Espiritismo com o Cristianismo. Os tormentos da dúvida.

O nosso credo.

Começamos os nossos estudos de Espiritismo com a resolução de abandoná-los se, no caminho de nossas investigações teórico-práticas, surgisse algum princípio oposto á moral evangélica, baluarte inabalável de nossas crenças religiosas.

Envoltas no tenebroso turbilhão que nasce da discordância da fé com a razão, quizemos arrancar a túnica envenenada da dúvida e procurar a paz dos corações crentes; mas isto sem sairmos dos limites do Evangelho, monumento imperecível da verdade revelada.

E qual foi o resultado — qual o fruto colhido na excursão realizada?

O presente trabalho responde claramente.

(2) Cap. XV, 44.